

O BRASIL FAZ FALTA

Neste mundo de agora, desatinado, saturado de tecnologia e de violência, sem rumo e sem sentido, faz falta, decisivamente, a presença de uma potência da paz cuja voz de sabedoria seja escutada com respeito geral. Seriam os Estados Unidos de Wilson e de Roosevelt, da Liga das Nações e das Nações Unidas, a grande esperança da humanidade na primeira metade do século XX, que se perdeu; não tanto pela guerra fria de cunho ideológico, sempre condicionada pelo bom-senso de evitar o seu aquecimento ao ponto de explosão, e, sim, muito mais, pela força dos enormes interesses econômico-militares que findaram dominando a política norte-americana na segunda metade.

Perdeu-se a grande esperança; não desapareceu a crucial necessidade dela.

Poucas nações têm capacidade para exercer este papel essencial para a reorientação do mundo. É preciso ter dimensão territorial, econômica e demográfica; é necessário ter um reconhecido apreço pela democracia e pelos direitos humanos; é fundamental que tenha uma tradição de culto à paz e ao desarmamento.

São condições que excluem os EE UU, a China e a Rússia. O primeiro pela formidável força armada de que dispõe e pela frequência de intervenções de caráter bélico que pratica; a Rússia por análogas razões e a China pela reconhecida falta de tradição e de prática democrática.

Brasil e Índia aparecem a seguir, ostentando essas condições, mesmo com certa fraqueza na dimensão econômica. África do Sul padece de carências maiores, além da econômica, a territorial e a demográfica.

O Brasil levava certa vantagem em relação à Índia pela sua adesão ao tratado de não-proliferação de armas nucleares, sua renúncia ao uso bélico da energia nuclear, mesmo dominando a tecnologia de enriquecimento de urânio. O Brasil afirmava seu projeto de crescer como potência da paz, enunciado por Affonso Arinos e posto em prática com mais desenvoltura e evidência por Celso Amorim, o mais atuante e exitoso ministro do Itamarati desde o Barão do Rio Branco.

O Brasil cresceu vigorosamente no campo internacional no início do século, tendo atuação destacada no reconhecimento da Nação Palestina e no acordo do Iran com as potências ocidentais, que foi inicialmente negado pelos Estados Unidos, com o fim único de reduzir o prestígio do Brasil para, logo depois, vexaminosamente, firmar o mesmo acordo com o Iran, como se fosse iniciativa sua.

O Brasil rejeitou a ALCA, ganhou a direção da OMC e se posicionou como um produtor de petróleo importante e independente; o Brasil claramente liderou o movimento de afirmação de autonomia dos países da América do Sul, com a Unasul e o Mercosul; o Brasil foi importante na institucionalização dos BRICS e dos seus organismos financeiros; o Brasil iniciou o diálogo sul-sul, com Índia e a África do Sul; o Brasil de Lula e Amorim ganhou voz e respeito no campo internacional. Começou a projetar-se como possível potência da paz.

E veio o golpe, a desmoralização como nação democrática e autônoma, o retorno à condição de quintal da América do Norte. E sobrevieram as estarrecedoras revelações da inimaginável corrupção dos seus agentes públicos e privados. E o Brasil perdeu a voz no mundo que havia conquistado.

Perda enorme para o Brasil. Perda também muito grande para o mundo. Faz falta, cada vez maior, cada vez mais crucial, cada vez mais perigosa para a humanidade, faz falta a voz elevada e respeitável de uma Potência da Paz. Que o Brasil poderia ter conquistado e perdeu. Mais uma vez, sob a poderosa influência daqueles mesmos interesses que desviaram os Estados Unidos do caminho de Wilson e Roosevelt.

É preciso, é necessário, é vitalmente importante que o mundo acredite numa Potência da Paz. Quem sabe a próxima eleição americana seja ganha por um socialista como o Senador Sanders?

Meu visceral otimismo acredita. Até porque é absolutamente necessário acreditar.